

LENDAS DO SANTO FUJÃO: A SUBJETIVIDADE DO NARRADOR ORAL NA PÓS-MODERNIDADE

Vanessa Vila Flor (UNEB/CAPES)

Profa. Dra. Edil Silva Costa (orientadora)

Resumo: As formas de assujeitamento provocadas pelo fenômeno da globalização estão instabilizando o indivíduo, deixando-o cada vez mais superficial. Em face a este processo de desestabilização do “eu”, proponho como hipótese em minha pesquisa o ato de narrar como uma maneira em que o indivíduo produz uma subjetividade que não se acorrenta aos moldes subjetivos impostos pelo mercado. Para atingir este objetivo, analiso a forma como o narrador oral se imagina por meio das versões da Lenda do Santo Fujão encontradas em Alagoinhas-BA e Costa Rica-MS, articulando-a com as definições de *Dialogismo* e *Polifonia* propostas por Mikhail Bakhtin (2010). O entrelaçamento destes conceitos com as narrativas evidencia a ressignificação dos sentidos que compõem a vida do narrador e acaba refletindo em sua subjetividade através do diálogo entre as vozes.

Palavras-chave: Narrativa. Santo Fujão. Dialogismo. Polifonia

INTRODUÇÃO

A partir da nova fase do capitalismo (conhecida como *capitalismo tardio*), iniciou-se, como explica o teórico Peter Pál Pelbart (2000, p.11-12), por meio das reflexões de Frederic Jameson, uma forte influência em dois campos que antes pareciam impenetráveis: a Natureza e o Inconsciente, sendo este último monopolizado pela elevação da mídia e da indústria de propaganda, favorecendo assim, de forma direta, a ação do mercado na subjetividade.

Esta invasão nos inconscientes produz uma instabilidade nos indivíduos devido ao processo de preenchimento/esvaziamento de construções subjetivas arquitetadas pelo capital. Suely Rolnik (1997) salienta de forma clara esta consequência produzida a partir desta intervenção dos meios tecnológicos na subjetividade. Ela argumenta que a globalização em que vivemos traz a possibilidade do coletivo anônimo compartilhar ideias, gostos e decisões através das hibridizações culturais proporcionadas por meios tecnológicos. Por outro lado, porém, esta mesma globalização faz com que as subjetividades se tornem mutáveis para que se adaptem às transições do mercado. Nesta nova era, o discurso de que devemos estar sempre abertos ao novo (novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos...), faz com que a subjetividade seja constantemente reconfigurada a partir das forças movidas pelo mercado. E esta desestruturação, entrelaçada com a procura de um padrão identitário (devido ao risco de se sentir subtraído caso não construa uma personalidade que se encaixe no âmbito do mercado), ocasiona no indivíduo esvaziamentos de sentidos que acabam refletindo na sua subjetividade – como se estivesse faltando uma parte dela.

Diante deste problema, trago como hipótese da minha pesquisa o ato de narrar como um processo que faz a identidade do narrador se desvincular destes processos de assujeitamento, pois

quando ele narra, o mesmo acaba ressignificando os sentidos tanto do tempo passado, quando do presente que povoam a sua vida. Quando aquele conta uma história, por meio dos seus saberes plurais, ele atualiza os enunciados, produzindo novos significados que refletirão na sua subjetividade, e a tornará construída de um jeito só dele.

Para reflexão e comprovação desta hipótese, tenho como corpus de pesquisa a lenda do Santo Fujão contada por narradores das cidades Alagoinhas-Bahia e Costa Rica-Mato Grosso do Sul. Na primeira cidade, a obtenção deste material foi possível por meio da pesquisa de campo, já na segunda, através de vídeos encontrados na internet e entrevistas via Skype.

Por meio destas narrativas, analiso a forma de como o narrador se imagina. De como a subjetividade deste não se prende nem aos sentidos produzidos pelo tempo passado, e nem aqueles construídos no presente. E um dos caminhos que levam a esta ressignificação de sentidos é o diálogo que acontece entre as vozes no momento em que aquele que tem a arte de narrar conta uma história, pois a sua voz em processo dialógico com as demais coloca em movimento o processo de reconstrução dos enunciados. Apesar da sua voz viver junto com as outras, ela é independente, autônoma, tendo a liberdade de criar o novo. Desqualificar aquele sentindo que outrora era visto como fixo.

Para a discussão deste processo dialógico que reflete na subjetividade do narrador, articulo as narrativas do Santo Fujão com os conceitos *Dialogismo e Polifonia* propostos pelo teórico Mikhail Bakhtin, já que estes retratam a construção do ser através desta interação entre as vozes. Pensando nesta articulação, farei breves análises para que fique mais claro esta construção subjetiva por meio do diálogo.

DESENVOLVIMENTO

O narrador, ao relatar uma história, traz em seu discurso os nomes ou simplesmente divulga a informação de que aquela narrativa que ele conhece foi contada por outras pessoas. Esta situação é bem acentuada na lenda do Santo Fujão narrada pelo senhor Afonso Bispo:

Eu conheci um senhor que chamava Francisco Lima, então a esposa dele, muito antiga que morava aqui, ela me contava uma lenda que Santo Antônio, o padroeiro de Alagoinhas, que ele apareceu naquela igreja velha (a inacabada), feita pelos jesuítas.

A presença dessas pessoas nesta narrativa evidencia o diálogo entre a voz do narrador e as outras vozes do passado e do presente. Estas têm um papel fundamental na construção da subjetividade do Sr. Afonso, já que, como explica Bakhtin (2010), a estruturação da identidade deve

passar pelo outro. As demais vozes contribuem dialogicamente na configuração do *eu* do indivíduo. Mas esta construção da subjetividade que perpassa por outros discursos não é uma reprodução de nenhum deles. Este dialogismo, como evidencia aquele mesmo teórico, a modifica dialogicamente em um outro novo *eu*, sendo assim, a identidade do Sr. Afonso é estruturada por meio da reapropriação desses discursos. Um novo sentido é produzido por meio deste diálogo.

Este olhar do outro é necessário para que o indivíduo construa a sua vida de um jeito só dele – como explica o próprio Bakhtin (1992):

“O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldura-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento”. (BAKHTIN, 1992, p. 45)

É exatamente este sentido construído pelo outro que é emoldurado pelo narrador a partir dos seus saberes plurais. Este atualiza aquele significado outrora já formado, pois como acrescenta Cristóvão Tezza (2005), em seu estudo sobre Bakhtin: é o *ouvinte* que reconfigura o objeto estético, ou seja, pensando na situação em que aquele que tem a arte de narrar é portanto também um ouvinte – ele escutou o que as outras vozes lhe contaram. Ele atribui um outro significado ao que já foi dito neste processo dialógico. Este mesmo autor expressa que as vozes, assim como a vida, são inacabadas. Os sentidos produzidos por elas estão em constante recriações. Estão abertas para novos significados, o que pode ser percebido na narrativa contada por Dona Florenilda do Nascimento:

A igreja de Santo Antônio, minha tia que me dizia que botava Santo Antônio na igreja nova (Matriz), e ele vinha e ficava na velha (ruína), mas também ela nunca me disse o final. O que aconteceu.

O final deste trecho transparece a voz da tia de Dona Florenilda inacabada. Uma enunciação que está em continuação. Por ela não ter dito o final da história para esta narradora-ouvinte, não quer dizer que a mesma não tenha formado um enunciado junto com outras vozes, mas deixou de maneira mais visível a possibilidade daquela narradora ressignificar o significado antes já construído. Dona Florenilda não só reconfigura os signos existentes naquela lenda, como também os sentidos que rondam a sua vida em decorrência da atualização daquele enunciado anteriormente construído pelo outro.

O Dialogismo é um conceito de certa maneira distinto do termo Polifonia. Apesar dos dois terem sido formulados pelo teórico Mikhail Bakhtin, segundo Patrícia Marcuzzo (2008) há diferenciações. Para a autora, Dialogismo é o ponto central para a construção da linguagem e do

total discurso. Já a Polifonia pode ser observada como uma tática discursiva inserida na configuração de um texto, no sentido de encontrar uma saída em uma relação conflituosa entre as vozes:

“Uma vez que, nos romances de Dostoiévski, há várias vozes em conflito, surge como tarefa de suas personagens romanescas ‘encontrar sua voz e orientá-la entre outras vozes, combiná-la com umas, contrapô-la a outra ou separar a sua voz da outra à qual se funde imperceptivelmente.’” (Marcuzzo, 2008, p. 7)

Dessa forma pode-se observar a Polifonia na lenda relatada pelo Senhor José Francisco de Jesus:

Iniciou realmente a construção da capela, que contam a lenda também que nessa confusão do início da obra, traziam o Santo Antônio, colocavam lá, depois Santo Antônio retornava para a igreja antiga, a igreja de pedra, hoje a ruína, mas isso não se tem certeza...

Nesta história, o narrador mostra-se desconfiado em relação aos outros discursos. A sua voz está em diálogo com as demais, porém ele não as confirma. No sentido polifônico pensado por Bakhtin (2010), a voz ou as vozes são autônomas, têm suas vontades. Ela pode desqualificar o narrador principal como não sendo um sujeito possuidor do saber. No caso do senhor José este pensamento se torna pertinente, já que ele está em relação com discursos do passado e do presente. Estes trazem saberes culturais por meio da lenda, mas o narrador não os qualifica como detentores de saberes válidos. A subjetividade deste se entrelaça com aquelas vozes, mas de forma inquietante – de maneira questionadora.

Questionar as vozes do passado é essencial para aquele narrador que está no *Entre-lugar* do nosso tempo atual. O senhor José não está ignorando o que passou. Ele as questiona no sentido de colocá-las em movimento, de provocá-las com a intenção de encontrar outras versões perdidas no tempo que já passou. Uma Tradição não deve ser como uma teia de aranha que nos prende a um passado fixo, ela deve ser um espaço de produção de novos sujeitos, como afirma Stuart Hall:

Não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p.44)

É dentro desta perspectiva que visualizo o sujeito narrador no *Entre-lugar* da Pós-Modernidade. Não pensar em subjetividades que deveriam ser imutáveis, mas sim, como estas podem ser reconstruídas a partir das reapropriações ocasionadas por meio do encontro do passado com o presente. Não excluir nem um nem o outro, mas por meio da articulação entre eles, produzir novos significados.

CONCLUSÃO

Diante dessas formas de assujeitamento que satisfazem as regras do mercado, não há como não se pensar em pontos de fuga, já que estes modos de produção de subjetividades estão atingindo cada vez mais os indivíduos, transformando-os em bonecos, cujo interior é apenas um espaço vazio preenchido/esvaziado por sentidos culturais que proporcionam o lucro e a continuidade do domínio hegemônico.

Através de alguns trechos da Lenda do Santo Fужão analisados, percebi a construção subjetiva daquele que narra distinta daquelas criadas pelo mercado, pois aquele, ao dialogar com as vozes do passado, faz uma articulação do tempo remoto com os seus aprendizados atuais, resultando assim numa reapropriação que produz novos significados:

O senhor Afonso constrói a sua subjetividade a partir do diálogo com outros discursos, dando a ela um novo significado.

No caso de dona Florenilda, ao sua tia não contar o final da história para ela, se torna mais evidente a possibilidade daquela narradora reconfigurar o sentido antes já formado. Agora é a vez daquela, por meio do seu ato de narrar, construir outros enunciados.

O senhor José Francisco questiona os discursos do passado para colocar em possibilidade o aparecimento de outras versões apagadas, e assim pôr também em movimento uma Tradição, já que o encontro do passado com o presente pode proporcionar interrogações tanto para um como para o outro, no sentido de produzir novos conhecimentos e novas subjetividades.

O narrador de histórias orais, que vive em seu lar simples e aconchegante, não é um indivíduo contemporâneo ao seu tempo, pois como um ser que dialoga com os demais em busca da compreensão sobre a vida, não se satisfaz com a superficialidade que envolve a pós-Modernidade. Aquele desce até a profundidade dos saberes para se reconstruir constantemente de um jeito só dele – uma subjetividade que não necessita se vincular a nenhuma dialética excludente.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- MARCUZZO, Patrícia. *Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin*. <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil>, 2008

PELBART, Peter Pál. EU(REKA)! Direitos humanos e cyber-zumbis. In: *Vertigem por um fio. Políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 11 a 28.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. LINS, Daniel S. (Org.). *Cultura e subjetividade: Saberes nômades*. Campinas, SP : Papyrus. 1997.

TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no Romance. BRAIT, Beth (Org.). *Dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.